

# Bombista do Scala tem nome e está preso

Texto de Areosa Pena

Fotos de Naita Ussene e arquivo



Eram 20.15 horas daquela quarta-feira, dia 25 de Junho de 1978. Sentado na esplanada do «Continental», levei a chávena à boca e sorvia um golo, quando fui atirado com cadeira e tudo, contra a parede atrás de mim, derramando o café a escaldar sobre o peito. Um tremendo clarão simultâneo com um estrondo violentíssimo e um forte sopro acabavam de rebentar com parte da fachada do «Café Scala», na minha frente. Após um curto silêncio, que me pareceu longo, rasgaram o ar, que cheirava intensamente a cordite, gritos e gemidos aflitos. Pessoas com o rosto e os membros ensanguentados sal-

tavam espavoridas, através das montras do Scala para o passeio. Cruzei a rua a correr, para as ajudar e ia pensando: «Foi uma bomba... foi uma bomba! Quem é o responsável? Onde está o bandido?»

Obtive a resposta a estas perguntas, há poucos dias atrás, quando vi entrar numa sala de reuniões do SNASP, Ministério da Segurança, um homem magro, seco, de cabeça rapada, seguido de outros dois, todos jovens. Sentaram-se numa mesa, à frente dos meus colegas da Informação moçambicana e de mim. Havíamos sido convidados para os ouvir falar.

E eles falaram.

O mais magro e único de cabeça rapada sentou-se ao meio dos outros dois. Era o chefe. Chamava-se Amaro, por alcunha «Bebé».

À sua direita, José Timane, encarregado de uma missão bombista para assassinar o Presidente Robert Mugabe; à sua esquerda, Ernesto Mavue, também conhecido por Browen, treinado para vir espiar em Moçambique.

Tínhamos sido informados, momentos antes, do que eles eram e do que haviam feito. Postos ao corrente das suas actividades terroristas, foi-nos explicado que podíamos fazer as perguntas que entendêssemos.

Depois fizeram-nos entrar. E naquele momento, nós, ao olharmos para eles, demorámos longo tempo, antes de encontrar a primeira pergunta. Enquanto fitava Amaro,

o chefe, veio-me à memória aquela noite de há 28 meses atrás, quando mulheres feridas gritavam desesperadamente, enquanto eram enfiadas em carros que partiam à desfilada para o Banco de Socorros. Houvera cerca de meia centena de feridos. Quatro deles em estado muito grave. Os vidros do Café Scala, do cinema Scala, do estabelecimento bancário em frente estilhaçaram-se com a violência da deflagração. Quem estava sentado na esplanada também foi catapultado alguns passos. A maioria dos ferimentos, verificou-se depois, foi motivada pelos estilhaços dos vidros. O homem que transmitira a ordem, para a bomba ser transportada para o Maputo e aqui deflagrada, estava ali na nossa frente, entre dois antigos subordinados.

E então a primeira pergunta aconteceu.

## RÁPIDA TRAJECTÓRIA ASCENDENTE

«— Qual o seu nome completo?»

— «Chamo-me Amaro Tavares da Silva».

— «Qual é a sua nacionalidade?»

— Sou moçambicano.

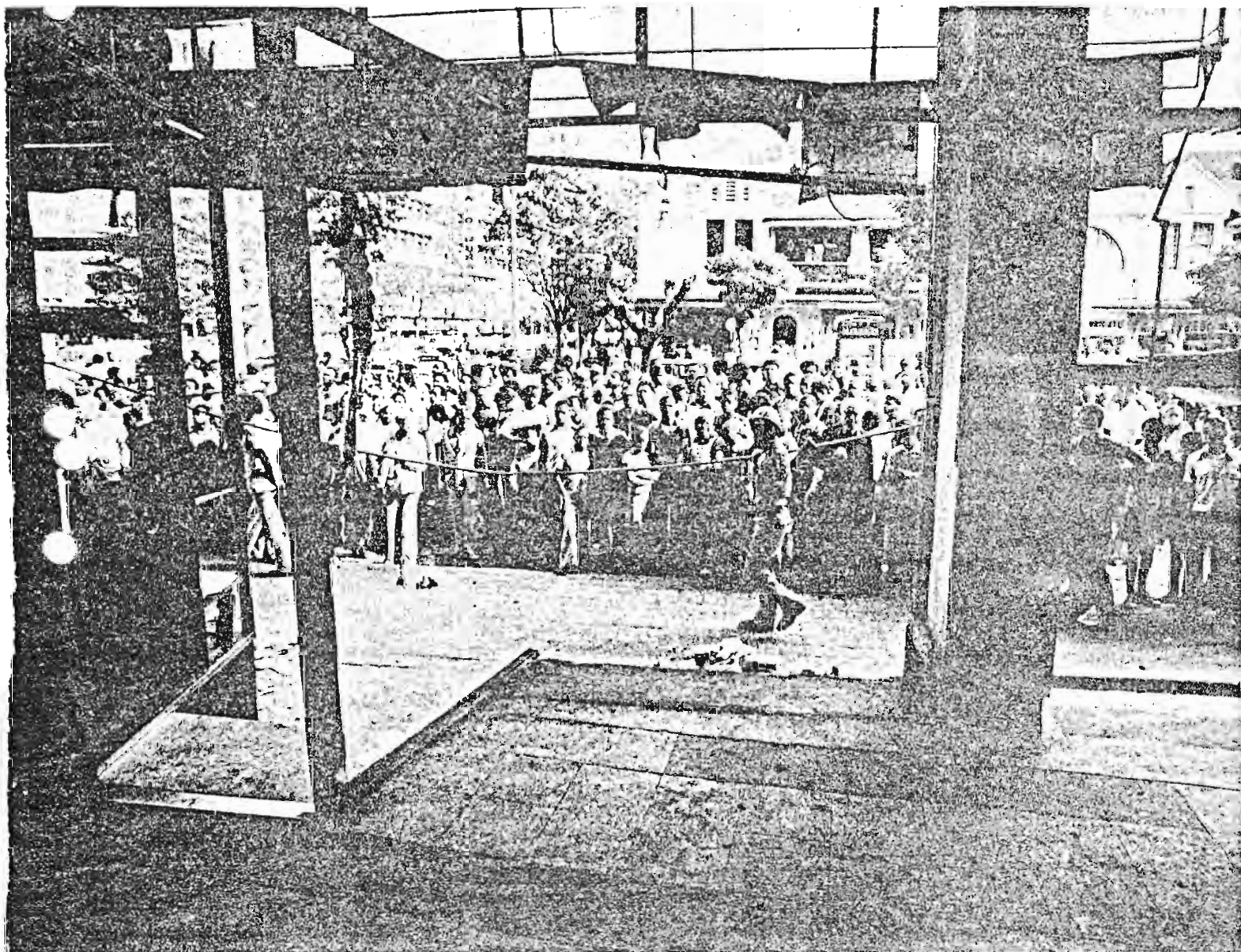
— «Que profissão exercia o sr. Amaro?»

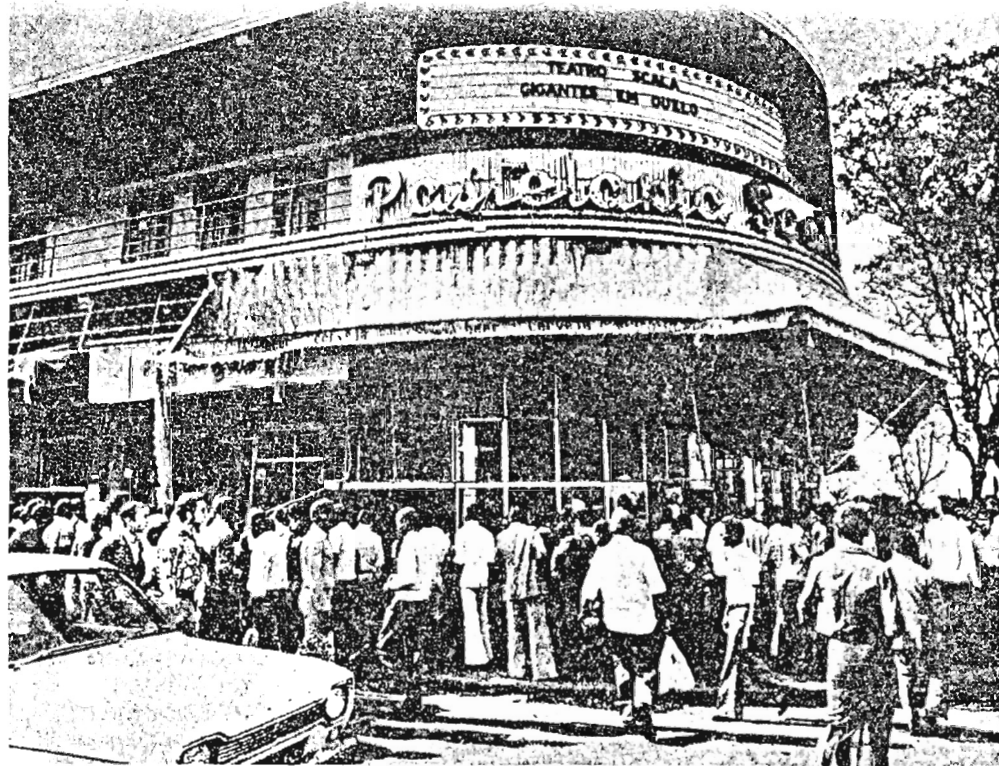
— «Fui professor da Escola Secundária de Lhanguene e tenho a especialidade de soldador».

— «Pode explicar-nos como, porquê, deixou de ser professor. E o que fez, depois de ter saído ilegalmente da República Popular de Moçambique».

Amaro contou-nos uma história, duas histórias, três histórias, todas diferentes um pouco. Apesar deste seu esforço em eximir-se a responsabilidades, foi possível, ao fim de três horas, delinear-mos o caminho que percorreu,

Interior do Scala, depois da explosão. Não há um vidro inteiro





Parte exterior do Scala na manhã seguinte à explosão

de o momento em que saiu de Moçambique, em 1978, e foi detido pelas Forças de Segurança, em Janeiro de 1980.

Enquanto os outros dois responderam francamente às perguntas feitas pelos jornalistas, Amaro tentou por todos os meios esconder-se atrás da capa de ingénuo intérprete, sem responsabilidades nem qualquer ascendente sobre os outros moçambicanos. Entrou em constantes contradições no seu depoimento, três vezes dito e três vezes retocado, para se nos apresentar como um pobre diabo, a quem davam ordens e que não tinha outra saída senão obedecer. Os jornalistas, confrontando-o por diversas vezes com as declarações dos outros dois, lograram conhecer qual era de facto o seu trabalho e a responsabilidade de que tivera investido. Não entrarei nos pormenores fâstidiosos da conversa. Farei apenas um resumo.

Um resumo curto, porque em cerca de 20 meses passados no estrangeiro, Amaro teve uma trajetória rápida e ascendente.

## CHEFE DE CONTRA-REVOLUCIONÁRIOS

Amaro foi um aluno muito indisciplinado, no ano lectivo de 1975. Passou as férias grandes, no campo de Matutuíne, para onde

seguir com outros alunos indisciplinados e fumadores de suruma.

Em 1977, leccionou Trabalhos Manuais, na Escola Secundária de Lhanguene, pelo que recebia do Estado um vencimento mensal de 10 550\$00. Mas não gostava do nosso País, da FRELIMO, do Governo Popular e resolveu ir embora, através da fronteira da Namaacha, para a Suazilândia. (Ele invoca para razões da saída «contradições com a família», o que não é verdade). Conhecendo bem a região da Namaacha, porque ali recebeu educação no então Instituto Mouzinho de Albuquerque foi-lhe fácil passar, sem ser detido, a fronteira para a Suazilândia, em Abril de 1978.

Na Suazilândia, acolheu-se a «casa de uma senhora enquanto procurava emprego» mas, quinze dias depois, passou a fronteira para a África do Sul e foi entregar-se à polícia sul-africana em Ermelo, 100 quilómetros a Oeste da fronteira e 300 quilómetros a Leste de Joanesburgo e de Pretória. Depois de explicar quem era, que não tinha papéis, que não queria voltar ao seu País, e que «apenas pretendia um emprego», foi levado por um elemento do Special Branch sul-africano que o entregou a um rodesiano de nome Georg.

Este Georg era membro do Spe-

cial Branch rodesiano e levou-o para Salisbúria, onde o hospedou no «Seven Miles Hotel», na tarde de 23 de Abril de 1978. Orlando Cristina, chefe da «resistência» contra-revolucionária, que enviava terroristas para combater no interior de Moçambique, matar civis, destruir camiões, casas e bens, procurou-o no hotel e mostrou-lhe livros com fotos de armamento pesado e ligeiro, para que ele informasse quais as armas de que as F.P.L.M. dispunham. Amaro «negou-se, porque nada conhecia de armamento e só queria emprego», segundo ele diz. À noite, outro elemento foi buscá-lo para um passeio e «para os copos» e visitas aos bordéis. Chamava-se Afonso Jacama e era o vice-comandante dos terroristas da «resistência», resistência essa que tem em Lisboa os seus «presidentes», os advogados Domingos Arouca (ex-latifundiário de Inhambane) e Máximo Dias (ex-Gumo). Jacama tentou convencê-lo a ingressar nas fileiras terroristas para «vir combater em Moçambique o exército comunista». Amaro negou-se, de novo. Parece que, desta vez, tomado por covardia e pelo medo de ser ferido ou feito prisioneiro, se escusou, de facto. Como não servia para terrorista, foi levado para Pindura, a 90 quilómetros de Salisbúria pelo tal Georg.

Em Pindura foi recebido no quartel da polícia secreta rodesiana, o Special Branch, e ali lhe deram alimentação, «dois pares de botas, duas mudas de roupa, mantas, lençóis e uma cama». Embora diga que continuava a «procurar emprego como soldador», a verdade confessada por ele e confirmada por outros elementos, detidos muito antes dele (alguns até já foram fuzilados), foi treinar-se à carreira de tiro, «não para matar ninguém mas apenas por curiosidade». Assumiu o lugar de adjunto de Georg, um oficial superior do Special Branch para assuntos moçambicanos, e dava instruções para missões clandestinas, em Moçambique, aos moçambicanos que ali se encontravam ou em Retreat Farm. (Campo de treino a poucos quilómetros de Pindura). Todos os moçambicanos, que contactaram com ele e foram detidos pelas Forças de Segurança em Moçambique,



**Amaro ou Bebê, chefe dos contra-revolucionários moçambicanos que trabalhava para a polícia secreta rodesiana, responsável pela explosão no Scala**



**Ernesto ou Brown, espião que veio fazer o reconhecimento da casa de Robert Mugabe**



**Timane, bombista que veio para matar Robert Mugabe; perseguido pela vigilância popular, atirou uma granada sobre o povo**

foram unânimes em afirmar ser Bebê ou Amaro o seu chefe e terem recebido as ordens da boca dele. Ele refuta, dizendo que «era somente um intérprete, porque era a pessoa que melhor falava inglês e português». Além de haver muito mais pessoas que falavam também as duas línguas e que podiam servir de intérpretes, sabe-se e ele confessa ter sido quem intercedeu, junto dos chefes do Special Branch, para que não matassem Sabe Galo, que meses depois foi detido em Moçambique. Isto prova que tinha ascendente suficiente sobre os outros moçambicanos, para lhes servir de porta-voz, e gozava de confiança bastante dos rodesianos, para eles o ouvirem e desistirem de assassinar Sabe Galo.

Não há mais dúvidas: Amaro era o verdadeiro chefe dos moçambicanos traidores que trabalhavam para o Special Branch, desde Maio de 1978 até Janeiro deste ano, e foi ele que os enviou para as missões de espionagem, assassinato e terrorismo, planeadas pelos superiores rodesianos.

E ganhava o dobro do que ganhavam os outros: 100 dólares, equivalentes a quatro contos.

## ORDENS PARA MATAR

O primeiro moçambicano com quem falou em Pindura foi o Mahomed Anif. (Os jornais já reportaram a sua prisão, julgamento e consequente fuzilamento). Depois falou ainda com Lamucas Pedro. (Também fuzilado, junto com o outro, em Abril de 1979).

Os serviços secretos rodesianos estavam sumamente interessados na eliminação física de quadros dirigentes da ZANU e, em especial, de Robert Mugabe, seu presidente. Assim, queriam informações sobre o local onde eles residiam e a melhor forma de os matar. Orientaram, neste sentido, o trabalho de Amaro Tavares da Silva:

— «Robert Mugabe tem de morrer».

Amaro instruiu três elementos para virem a Maputo e assassinarem o Presidente Robert Mugabe.

Um deles chamava-se Nelson e, quando manipulava um engenho explosivo na Suazilândia, teve uma surpresa fatal: o engenho defla-

grou e arrancou-lhe parte da cabeça. Foi a enterrar no país vizinho.

O seguinte ficou pelo caminho.

O terceiro elemento conseguiu chegar até Maputo. Dirigiu-se à casa do Presidente Robert Mugabe para ali deixar (em que circunstâncias lá entraria?! ) uma pasta contendo uma potente bomba. Uma vez ali chegado, não gostou do que viu. Havia elementos das F.P.L.M. a guardar a casa. Apres-sou-se a sair das proximidades e dirigir-se ao alvo de alternativa — o Palácio do Governo da Província, na Praça da Independência. Também ali havia guarnição das F.P.L.M. a guardarem o Palácio. Passou à frente e depressa. Como tinha que abandonar o mais rápido possível a comprometedor bagagem, desceu a Avenida Samora Machel. Junto ao Café Scala, onde durante o dia trabalhavam os graxas, agachou-se, largou a pasta com a bomba dentro e desapareceu na noite. Já ia longe quando ouviu a detonação e os carros transportando feridos passaram por ele a buzinar.

## APANHADO

Pelos fins do ano de 1979, os serviços secretos rodesianos começaram a impacientar-se. Mandavam espiões e assassinos atrás de espiões e assassinos, para o nosso território, e perdiam o contacto com eles. Não sabiam o que lhes acontecia e, porque não ouviam nada na rádio, desconfiavam que eles não tinham cumprido as missões de que foram incumbidos.

O último que Amaro instruiu para vir proceder a uma missão de espionagem — saber onde morava o Presidente Robert Mugabe e a maneira de fazer explodir a casa — chegara a Moçambique, via fronteira de Ressano Garcia, em fins de Agosto de 1979 e não regressara ainda nem se tinha notícias dele. Tratava-se de Ernesto Mavue, presente na reunião conosco.

Em Dezembro, Amaro recebeu ordens para saber o que acontecia aos seus agentes, conhecer o paradeiro de Ernesto, recolher os dados que interessavam aos rodesianos, refazer os contactos com os espiões que estavam cá e regressar.

Em princípio de Janeiro deste ano, Amaro encontrava-se no Maputo. Ignorava ele que os com-parsas que tinha mandado para Moçambique haviam sido detec-tados pela Vigilância Popular e pelas Forças de Segurança e que haviam falado e dito quem ele era. As Forças de Segurança estavam conhecedoras do seu nome com-pleto, do seu aspecto físico, quem era a sua família. Poucos dias de- pois de estar na capital, foi reco-nhecido. Alertadas as Forças de Segurança, viu-se capturado. Esta-va apanhado o chefe dos contra-revolucionários moçambicanos ao serviço dos rodesianos, Amaro, que os outros chamavam de Bebê.

Detido quis negar, mas não pô-de, a sua interveniência e respon-sabilidade nos actos de terrorismo, aqui praticados, nas tentativas frustradas de liquidação física dos dirigentes da ZANU e nas mis-sões de espionagem levadas a ca-ba no nosso território.

## ERNESTO

Ernesto David Mavue frequen-tou a sétima classe, era aprendiz de bate-chapas e emigrou clandes-tinamente, para a Suazilândia, em 16 de Fevereiro de 1979. Em Mba-bane, arranhou emprego numa ofi-cina de carros e deu para o car-tão de emprego, a passar pelo sin-dicato, o nome de Brownen Chand Heb. Em Julho de 1979 contacta-ram-no dois moçambicanos, sendo um deles do Special Branche. Este aliciou-o com promessa de em-prego vantajoso, na Rodésia. Para lá partirem de imediato, fazendo a viagem por Beit Bridge, na mar-gem do Rio Limpopo, fronteira da Rodésia com a África do Sul. Le-vado para Pindura foi elucidado das verdadeiras condições do «em-prego».

Mandaram-no para Retreat Farm a fim de receber instrução apropriada a um agente terroris-ta. Havia ali quatro sargentos da polícia secreta, que ensinavam aos instruendos fazer fogo com pisto-la e espingarda atirar granadas e pouco mais. Ernesto esteve dezas-sete dias a ser treinado. (Que treino pode receber alguém em 17 dias?). Ao fim deste tempo foi en-caminhado para Maputo. Antes de saltar o arame da fronteira, rece-beu as últimas instruções por par-

te de Amaro e Georg: Reconhecer a moradia de Robert Mugabe e mais dirigentes da ZANU, estudar as possibilidades de os atacar com explosivos e regressar à África do Sul, pelo mesmo caminho, onde tomariam conta dele.

Ernesto veio para o Maputo. Segundo ele, desde Pindura que trazia a ideia fígada de mandar Amaro e os rodesianos à fava, as-sim que se apanhasse em Moçam-bique, tanto mais que nem sabiam o seu verdadeiro nome. Continua-vam a dar-lhe o falso nome de Brownen. E, na verdade, depois de cá chegar, não voltou para pres-tar contas aos seus superiores. Se fez o reconhecimento ou não de que fora incumbido não se sabe, mas ele nega-o.

Os jornalistas perguntaram-lhe, porque é que não se apresentara às Forças de Segurança, se havia praticado apenas o crime de emi-gração clandestina, e ele respon-deu-nos que teve medo das con-sequências desse acto e de ter re-cebido treino em Pindura e vir a Moçambique espiar, embora «não tivesse espiado».

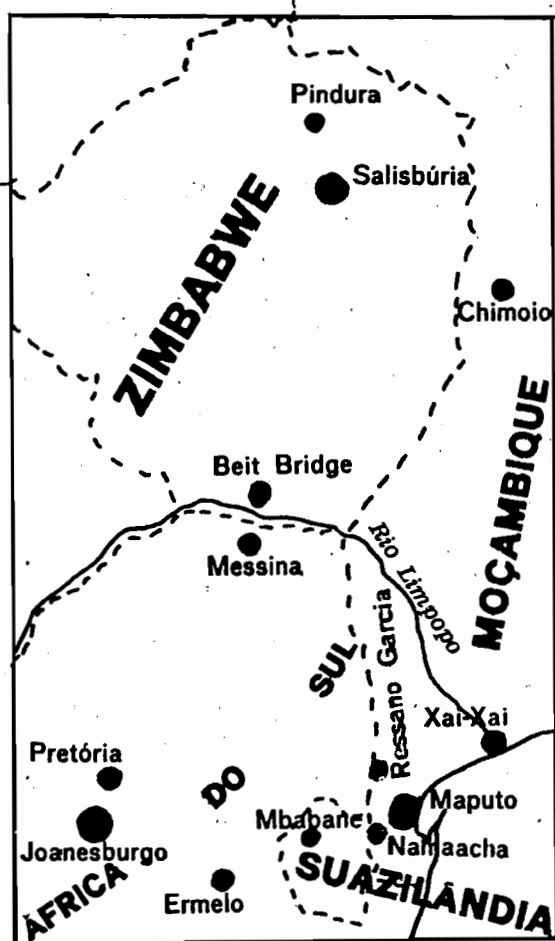
No dia 1 de Dezembro de 1979,

andava meio bêbado na Feira Po-pular de Maputo, quando foi visto por pessoas que sabiam ter ele fugido para a Suazilândia, havia meio ano. Denunciaram-no às For-ças de Segurança que imediata-mente o detiveram.

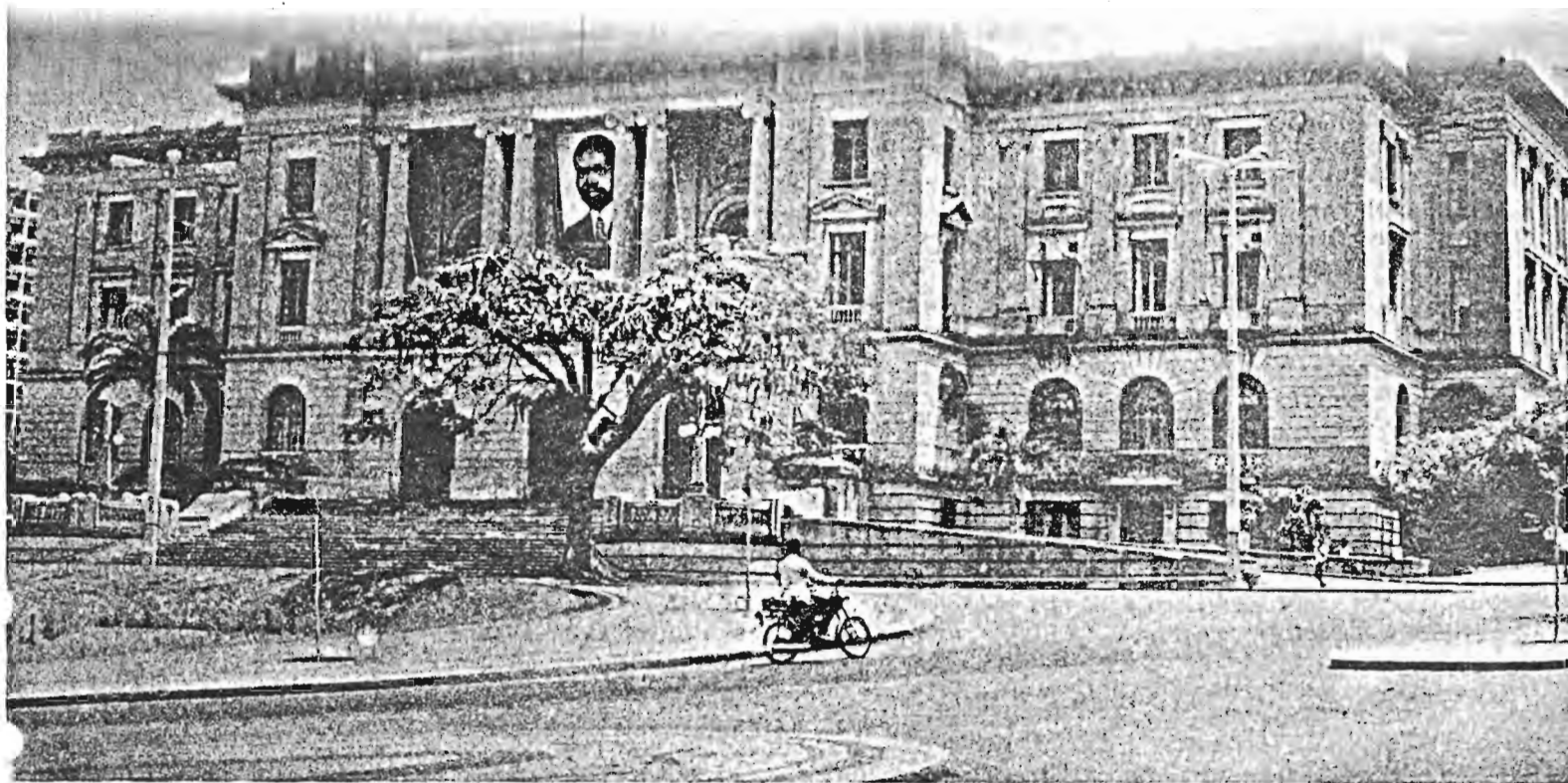
## TIMANE

José Timane, o mais velho dos três homens, embora jovem, ten-do apenas passado à pressa pela Escola Primária, respondeu às nossas perguntas e desfiou a sua história com uma franqueza que nos surpreendeu. Eu julgá-lo-ia embuído de forte cinismo se não tivesse adquirido prontamente a certeza de que era ignorante e sem consciência, factos agravados por ser analfabeto. Contudo, veio a Moçambique com o fito expreso de assassinar e atirou com uma granada sobre o povo.

Foi o primeiro dos três a sair ilegalmente de Moçambique, se-guindo a via inevitável da Suazi-lândia, em Junho de 1977. Aju-dante de fotógrafo, na Namaacha, quis arranjar emprego na Suazi-lândia. Conseguiu empregar-se co-



A estrada da traição: Maputo, Mbabane, Ermelo, Pretória, Beit Bridge, Salisbúria, Pindura e regresso por Ressano Garcia



Bomba teria sido colocada no então Governo da Província, se o bombista não tivesse medo da guarnição. Foi deixá-la no Scala

mo trabalhador braçal, numa fábrica de «corn beef». Foi preso em Janeiro de 1978 por «não ter papéis». Internado num «campo», fugiu em princípio de 1979, e passou para a África do Sul, onde, por pouco tempo, se empregou numa fábrica de fibro-cimento. Foi preso, de novo, por falta de documentos. Transportaram-no para Pretória. Aqui foi entrevistado, como era rotina usual, pelo homem da polícia secreta rodesiana, Georg. Lá foi, como os outros, para a Pindura e depois a Retreat Farm. Teve aqui um treino mais rigoroso do que os outros, três meses. Ali ouviu falar frequentemente de Amaro, o Bebê, como «o chefe» dos moçambicanos. Nunca o viu.

Um outro moçambicano procurou-o, em Retreat Farm, com instruções de imediatamente entrar em Moçambique, por Ressano Garcia, e dirigir-se ao Maputo onde procuraria a casa, cuja direcção estava escrita num papel que ele mal soletrava e que lhe entregaram. Essa casa, que pensavam ser a morada de Robert Mugabe, mas não era, devia ser destruída à força de granada e morta as pessoas que estivessem no seu in-

terior. Apresentaram-lhe outro moçambicano que viria com ele e seria o chefe da dupla.

«— Saltámos o arame, na vila de Ressano Garcia, e fomos dormir a casa da família do meu amigo. Alguém da família foi denunciar-nos à polícia, mas nós desconfiámos e fugimos com a mala das munições para o mato. Nessa noite, dormimos no mato, bastante longe de Ressano Garcia, para que não nos encontrassem. No dia seguinte, chegámos à Matola-Gare, com a mala em que levávamos oito granadas e duas pistolas, uma delas com silenciador. Passámos a noite, em casa de um conhecido do meu amigo. De manhã, fomos apanhar o comboio para alcançarmos o Maputo, onde tínhamos de cumprir a nossa missão. Na estação do caminho de ferro, uma senhora das Milícias quis revistar a nossa mala, porque não nos conhecia e nós não éramos dali. Dissemos-lhe que levávamos apenas jeans. Ela insistiu em revistar a mala. Abrimos só um pouco, mas ela viu uma pistola e começou a gritar que tínhamos armas e a chamar gente. Pusemo-nos a correr, e as pessoas que já eram muitas, estavam quase a apanhar-nos. Ati-

rei então com uma granada para cima do povo, mas não valeu de nada, porque nos apanharam e entregaram à Polícia».

Contou-nos isto tudo, com um sorriso prazenteiro de pessoa muito, muito atencioso, que nos quer satisfazer.

## A ESTRADA DA TRAIÇÃO

Os três homens, todos do Maputo, fizeram o mesmo percurso da traição. Emigram clandestinamente para a Suazilândia e passam à África do Sul, onde, contactados por elementos do Special Branch rodesiano, foram levados para Pindura. Aqui treinados como espões e terroristas são reenviados a Moçambique, onde são capturados.

Os três, como muitos outros, foram detectados pela Vigilância Popular e denunciados às Forças de Segurança que os detiveram. E, como outros, foram inquiridos.

Os seus processos estão completamente prontos e encerrados.

Vão ser apresentados a julgamento, no Tribunal Militar Revolucionário.